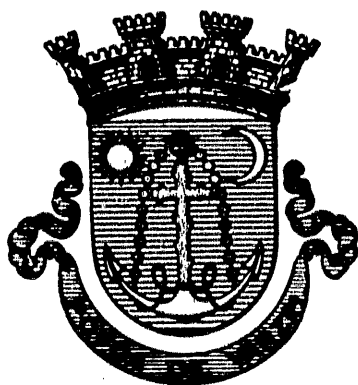


# PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



NÚMERO COMEMORATIVO DO I CENTENÁRIO  
DO NASCIMENTO DE ROCHA PEIXOTO

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL

Há muito que estudar e poucos  
são os que trabalham; mas  
embora fossem muitos, Portugal  
chega para todos.

ROCHA PEIXOTO

(1866 — 1909)

## Algumas notícias sobre Rocha Peixoto na intimidade

pelo Coronel J. DA ROCHA PEIXOTO

Tinha eu quinze anos incompletos quando morreu Rocha Peixoto.

São tão vivas e nítidas as recordações que me ficaram da sua pessoa, do seu modo de ser na intimidade da família, do seu labor infatigável, do seu humor, das conversas mantidas com os seus pares na investigação científica, do entusiasmo e pertinácia com que incentivava este ou aquele na pesquisa e estudo de elementos etnográficos e arqueológicos; são tão nítidas, vinha dizendo, essas recordações, que o vejo em rigor fotográfico e sinto a sua presença como se ele nunca me houvesse abandonado.

Muito novo ainda se viu a braços com o encargo de prover às necessidades da família, cujos bens, que foram avultados, desapareceram, por confiscação, após o triunfo da causa liberal.

Seu pai, médico, que não tivera filhos das primeiras núpcias, conseguiu, pelo exercício da profissão, dar à esposa e descendentes uma relativa mediania económica.

Após a morte deste, os familiares sobreviventes conheceriam horas amargas de penúria se um seu cunhado, irmão da esposa, Major Romão de Carvalho da Costa Flores, não houvesse tomado a responsabilidade de velar pela educação e sustento deles, de cujo afectuoso e quase largo patrocínio beneficiou Rocha Peixoto, criança ainda.

Poucos anos, todavia, viveu a família agasalhada sob a asa generosa do Major Romão de Carvalho: uma apoplexia vitimara-o quando estacionava pelas Caldas de Vizela.

Desde esse momento, Rocha Peixoto, à volta dos 18 anos, constituiu-se, por necessidade e dever, o único arrimo da mãe e quatro irmãs, duas das quais vieram a consorciar-se, sendo filho de uma delas o autor destas linhas.

De dois irmãos mais velhos, levados ao Brasil pelo pai, em tenra idade, por não quererem seguir «armas ou letras», um havia falecido pouco tempo depois de lá chegar, o outro angariava, ainda com dificuldade, o sustento próprio.

É nesta emergência, quási trágica, que se revela, de maneira surpreendente, o esforçado ânimo desse moço, cujo talento precoce e insaciável desejo de saber serviram desde logo a missão que se cometera, é certo, mas muito mais os interesses da cultura e um lídimo, acérrimo e humaníssimo nacionalismo, hoje tão maltratado por alguns que muito o apregoam.

É possivelmente em 1890 que Rocha Peixoto publica um dos seus primeiros trabalhos — *Geografia Geral* —, data esta escrita, se bem que interrogada, num exemplar, hoje em meu poder, da sua biblioteca.

Não obstante ser um trabalho de compilação, já nele se manifesta o pendor do seu espírito, pois que dá à história, às raças, costumes e regiões dos vários povos, em respectiva nota preliminar, um relevo e desenvolvimento não comuns aos trabalhos deste género, no restrito âmbito escolar do ensino secundário, mesmo que esse aspecto didáctico se considere exigência dos programas da época.

Mas isto pressupõe preparação invulgar para um rapaz daquela idade, mormente se a avaliarmos por confronto com a da generalidade dos moços de hoje.

A suas irmãs ouvi, posteriormente, que o referido trabalho visou, mais que tudo, à satisfação de necessidades imediatas de ordem económica.

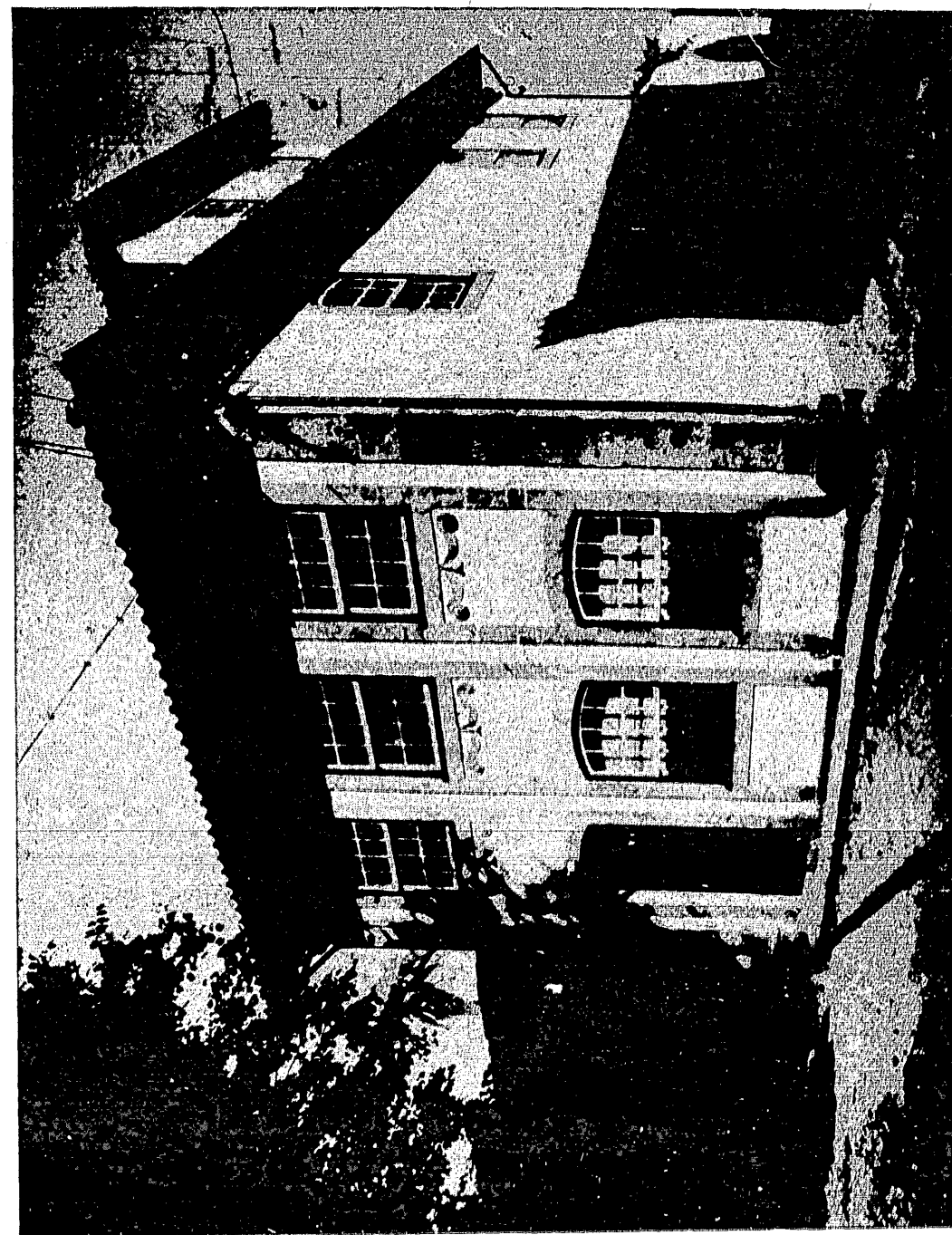
Ainda aluno dum colégio do Porto, já Oliveira Martins lhe oferecera um livro de que era autor.

Este simples pormenor poderá dar a medida da sua precocidade no talento e no estudo.

Várias temporadas, no decorrer de, pelo menos, oito anos, passei nas duas casas em que viveu Rocha Peixoto em Matosinhos — uma na Rua da Igreja, outra na Rua Cartelas Vieira — na sua casa da Póvoa, e também na freguesia de Ancêde, concelho de Baião, na da irmã, Jesuína Amélia, mãe do signatário.

Era Rocha Peixoto baixo, franzino e débil, se bem que, no decurso daqueles anos nunca o soubera doente.

Emoldurada de farta e ondeada cabeleira, avultava a cabeça, como se todo aquele organismo se reduzisse a ser pensante. De feições bem delienadas, tinha o olhar vivo e perscrutador. Vejo-lhe as mãos, de cor de marfim velho, pequenas e magras, com a unha do indicador esquerdo levemente tostada pelo uso constante dos cigarros «Antoninos», marca de tabaco que sempre fumou.



Matosinhos. A casa onde Rocha Peixoto morou nos últimos anos da sua vida e onde faleceu aos 2 de Maio de 1909 (actualmente o prédio n.º 136 da Rua Cartelas Vieira).

Quando em Matosinhos, um sem número de vezes o acompanhei à Biblioteca Municipal do Porto, de que era Director.

No percurso, parando aqui e acolá, frequentemente para me comprar gulodices, não raro lhe perguntavam se eu era seu filho, porque, nessa altura — diziam — tínhamos pronunciados traços de semelhança.

— «Não, — respondia com mal disfarçada satisfação — é meu sobrinho, filho de irmã que muito prezo» e acariciava-me com desvelada ternura.

Na Biblioteca, entregava-me aos cuidados dum simpático e zeloso funcionário, de nome Abílio, a quem recomendava me desse, para ver, revistas ilustradas.

Certo dia reparou que eu devorava um bife com evidente aprazimento e com o apetite duma criança saudável.

— «Pois vou fartá-lo de bifes!» — disse para a irmã Augusta Camila, que superintendia no governo da casa.

No dia seguinte levou-me a almoçar a um restaurante que, naquele tempo, havia no Jardim da Cordoaria.

Vejo-o ainda espantado a observar a gula e voracidade com que era tragado um daqueles bifés de que, com efeito, me havia de faltar.

— «Come, rapaz, que na tua aldeia não tens disso».

E saía radiante, não sem me ter perguntado se queria outro.

Sempre que o acompanhava, merecia-lhe atenção a minha indumentária, boa e variada, por sua munificência.

E, por vezes, dizia à irmã:

— «Põe-lhe uma gravata das que trouxemos de Santiago».

Nunca fazia uma viagem à Espanha, geralmente acompanhado das irmãs solteiras e muitas vezes de Manuel Monteiro, ainda estudante de Coimbra, que não nos presenteasse, a mim e a meu irmão, com as mais garridas e vistosas gravatas de todas as Espanhas, as quais, fazendo grande e aparatoso laço, apertavam sob um largo colarinho engomado.

Com que alegria recebíamos essas, para nós, esplendorosas prendas! E com que prazer ele no-las dava!

Foi em Matosinhos que vi sentados à sua mesa, geralmente a jantar, alguns vultos notáveis da época, uns senhorões que me espantavam pela barba, corpulência ou vozeirão: Basílio Teles, Fonseca Cardoso, José Fortes, o médico Eduardo Pimenta, Júlio Brandão, Ricardo Severo, Duarte Leite, Oliveira Alvarenga, João Barreira e Sampaio Bruno, ao tempo funcionário superior da Biblioteca do Porto, e talvez outros que a memória não reteve, porque menos me impressionaram.

Antes de jantar, meu tio, quando pela primeira vez coincidiu



Rocha Peixoto (o primeiro, à esquerda) com as suas irmãs solteiras, D. Augusta Camila e D. Maria Beatriz, e o seu parente e grande amigo Dr. Manuel Monteiro (Santiago de Compostela, começos do século actual).

a minha estadia com a presença das pessoas referidas, chamou-me ao escritório e mostrou-me àqueles senhores.

— «É meu sobrinho, que veio das berças, lá da aldeia» — dizia entre risonho e sisudo.

Lembra-me que muito falavam, discutiam, liam uns períodos deste ou daquele livro e continuavam ruidosamente a conversa durante a refeição.

Com esta memória regressiva de velho, tão fiel e nítida, apercebo-me hoje da fraterna amizade e dedicação que uniam aqueles vultos, em tal sentir de acordo e recíproca colaboração, que fez deles uma brilhante plêiade de homens, totalmente devotados ao serviço do país e da cultura nacional.

Passava Rocha Peixoto as festas familiares da Páscoa e Natal, e parte das férias grandes, na Póvoa de Varzim, cujo liceu frequentei até ao quinto ano, juntamente com meu irmão.

Não nos perdoaria nosso tio que faltássemos às cerimónias das Trevas, na Semana Santa, realizadas na Igreja Matriz.

Durante três dias, nomeadamente na sexta-feira, a criançada do tempo, armada de martelos de madeira e até de ferro, comemorava ruidosamente os dias da Paixão, constituindo-se, dentro da Igreja, estrondosa e infernal orquestra, cujos instrumentos os componentes iam afinando à medida que se aproximava a cerimónia.

Não nos faltavam os martelos: Rocha Peixoto mandara-os fazer, bem afeiçoados e de rijo buxo para que sonora e vibrante-mente fosse executado o nosso papel da partitura; e para o sábado de Aleluia presenteara-nos com campainhas bem timbradas com que celebrávamos a Ressurreição.

Ao abade de Nabais encomendava os ovos de Páscoa, coloridos, que o simpático velhote trazia em saca sarapintada, subtraídos à montanha de ofertas com que os paroquianos o obsequiavam.

Naquelas tardes de Abril levava-nos a passear pelos floridos e saudosos campos da Póvoa, onde um pormenor, fosse insecto ou flor, constituía motivo para um ensinamento útil.

A Noite de Natal era aguardada com mal contida ansiedade. Pela madrugada seguinte, corríamos em alvoroço a colher do sapatinho as prendas do Menino Jesus, que Rocha Peixoto tinha trazido, muito em segredo, de um bazar do Porto, e admirar o presépio, diante do qual, horas depois, nos explicava a figuração e significado.

Desejava, como mais tarde minhas tias me contaram, que conservássemos, até onde fosse possível, a suave e meiga esperança das dádivas de Jesus pequenino.

Nunca consentiu que se erguesse, para nosso recreio, a árvore nórdica.

Não queria que faltássemos a nada de tradicional e nos faltasse também o ambiente ruidoso, alegre e apropriado das festas consagradas.

Mesmo em férias, passava parte da noite a trabalhar, sempre na companhia desejada da irmã Augusta que, fazendo renda de bilros, esperava pacientemente que a fadiga o vencesse.

Quando houve notícias dos achados arqueológicos da cidade de Terroso e, depois, desde o início das escavações, desenvolveu Rocha Peixoto uma actividade febril.

Recordo algumas pessoas a quem a sua curiosidade, empenho e labor não concediam uma hora de descanso, dando instruções pormenorizadas aos vigilantes das escavações, prevendo estes ou aqueles achados que requeriam cuidados especiais, aconselhando o trato devido aos proprietários dos terrenos, fazendo perguntas sobre o montante a pagar por presumíveis indemnizações, ensinando o condicionamento dos objectos encontrados, persuadindo aqueles incipientes arqueólogos da necessidade de recolha cuidadosa de fragmentos, indispensáveis à reconstituição dos objectos, etc., etc., minudências estas que registo, algumas porque as fixei, outras por as ter ouvido repetir a suas irmãs.

Era o architecto Cruz, da Câmara povoense, dois funcionários da Biblioteca do Porto, o Abílio já referido, e outro mais categorizado, de nome Sousa, a quem chamavam o Souzinha, o Padre Ferreira, Abade de Terroso, etc.

Rocha Peixoto era um mago a descobrir aptidões, a despertar curiosidades, a vencer desânimos, a encorajar os tímidos.

Não admira, pois, que as irmãs se não furtassem a esta influência, não obstante as obrigações próprias.

Todos os familiares eram inelutavelmente contagiados pela energia que dimanava da sua vontade e obstinação.

A mais nova, Maria Beatriz, inteligente e culta, estava encarregada de colher e seleccionar adivinhas, quadras, adágios, anedotas, lendas, etc.; a sobrinha Clotilde, filha da irmã mais velha, Adelaide Sofia, desenhava cataventos, trajos, lampadários e tudo o mais que interessasse à ilustração dos seus trabalhos; a irmã Augusta cometera a tarefa de ajustar, recortar, colar desenhos, figuras, fotografias, etc.

Até minha mãe, que vivia na aldeia, era constantemente assediada com perguntas sobre regime de propriedade, pastorícia, existência de inscrições, capelas antigas, costumes, vocabulário popular, memória de qualquer espécie, das quais me recorda uma que provocou basta correspondência: um falado arco de pedra que existiu num lugar próximo, levantado, conforme se dizia, para





Rocha Peixoto aos 31 anos

[Desenho a carvão de sua sobrinha D. Clotilde da Rocha Peixoto, publicado in *RECORDAÇÃO. Homenagem dos alunos da Escola Industrial Infante D. Henrique* (Porto, 1909), pp. 14-15].

celebrar a passagem para Cárquere do então futuro rei Afonso Henriques, etc., etc.

Estes pormenores nada acrescentam ao prestígio de Rocha Peixoto como cientista, mas deles se poderá aquilatar quão intensa era a sua actividade, quão contagioso era o seu entusiasmo, quão proveitoso era o seu convívio.

Assisti, já com os meus onze ou doze anos, às várias diligências feitas por Fonseca Cardoso, na casa da Póvoa, para o estudo antropológico do pescador poveiro.

Reconstituo escrupulosamente as figuras intervenientes:

Fonseca Cardoso, ora fardado, ora à paisana, manobrava com destreza e rapidez os compassos antropométricos; Rocha Peixoto conversava, perguntava, indagava mil pormenores dos pescadores, sentados à volta duma mesa, no centro da qual um canjirão de vinho verde, rescendente e pastoso, estava à disposição dos seus apetites.

Muito à vontade, à força de estar presente a todas as sessões de trabalho, António Caganito, o pescador pela mão do qual eram levados os companheiros, esclarecia uma resposta menos clara e encarregava-se de encher as canecas vidradas, tratando Rocha Peixoto por Senhor Antoninho, apelativo com que este se deleitava.

Em Ancêde, minha aldeia natal, conheci José de Pinho, professor primário em Amarante ou redondezas.

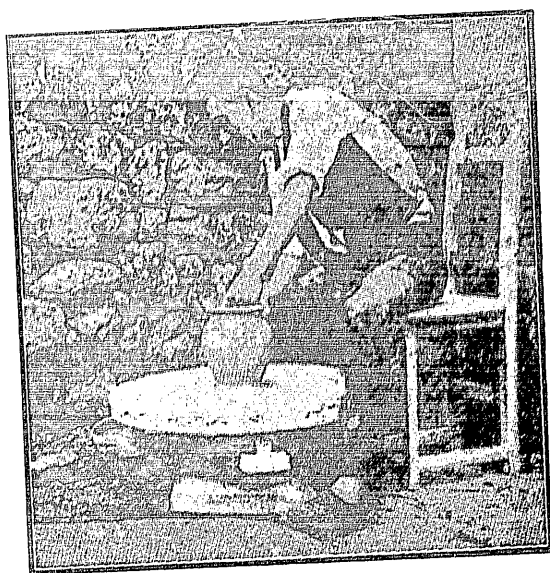
Ali fôra levado a solicitação de Rocha Peixoto que, por aquela altura, se propunha, na companhia de Manuel Monteiro, estudar determinados aspectos das populações da Gralheira e Montemuro, serrania cujo dorso maciço e comprido se alonga em frente da casa onde nasci, na outra margem do Douro.

José de Pinho, em quem Rocha Peixoto adivinhara vocação e mérito, era um dos contagiados pelo vírus etnográfico.

A sua presença era certa quando meu tio por ali passava.

Das estadias deste em Ancêde, para além do alvoroço com que esperávamos «os tios da Póvoa» e o abrir das malas de viagem, cornucópias de mimos e gulodices, recordo um facto que me surprende, cuja lembrança me emociona ainda: Rocha Peixoto, distraído por breves horas do seu labor incessante, revelava-se quase infantil quando, no amplo adro da Igreja conventual, jogava o pião e a bilharda com o rapazio da aldeia.

Poderia supor-se que as vicissitudes da fortuna e o afanoso e sério trabalho a que se dera totalmente desde moço lhe tivessem haurido a jovialidade, tornando-o mazombo e maçador. Não, era afável, prazenteiro, alegre, cativante e, entre os amigos — dizia-se — contava com imensa graça a sua anedota brejeira.



Um oleiro de Ancêde (lugar de Lordelo)

(Fotografia reproduzida por Rocha Peixoto no seu artigo «Sobrevivência da primitiva roda de oleiro em Portugal», publicado em 1905 na *Portugália*).

Para a família fôra um exemplo de dignidade, aprumo, probidade e dedicação. E por isso era correspondido com o enlevo dos familiares, que tanto o admiravam pelo talento como o amavam pelas virtudes.

Tendo dois sobrinhos tão crianças ainda, nunca se esquecera de lhes destinar um exemplar dos seus livros, uma separata dos seus trabalhos, que endereçava firmando pelo próprio punho o nome de cada um deles.

Todos os seus lhe andavam permanentemente no pensamento e no coração.

Depois de viagens pelo Marão e, posteriormente, pelo Montemuro e Gralheira, sempre na pesquisa e recolha de «materiais para o estudo do povo português», começa Rocha Peixoto a ressentir-se do desconforto e agressividade dos meios de transporte, da alimentação, da inclemência do clima, do excessivo esforço ininterruptamente despendido.

Acamara, desde logo com grande abatimento, com uma tuberculose intestinal.

A assistência da família e dos amigos dedicados conseguiu, porém, reanimá-lo um pouco, com intercadências de desânimo.

Mas a partir do dia em que Basílio Teles, por intermédio de

pessoa de confiança, lhe pediu a devolução de documentos relativos à revolta de 31 de Janeiro, os quais, desde esta data, Rocha Peixoto escondia para acautelar a responsabilidade do amigo, apercebeu-se aquele que o seu fim estava próximo.

Não mais reagiu, e morreu dias depois.

Viveu trabalhando, lutando, amando com ardor exaustivo.

Dele se pode dizer, com justeza, que ofereceu a vida em holocausto à ciência.